A Escola como jogo político do passe

Marie-Jean Sauret

Vou dizer algumas palavras sobre o título: A Escola como jogo político do passe. Mas, para começar, vou falar de uma experiência subjetiva. Desde que eu estou aqui entre vocês, tenho a impressão de uma grande familiaridade a ponto de que a Associação, que espero que vocês criem, poderia ser a minha. E, ao mesmo tempo, há esse embaraço da língua que faz com que eu próprio me perceba como uma espécie de objeção. Às vezes, tenho até a sensação de que devo renunciar a ser compreendido. Ao mesmo tempo, é isso que torna obrigatório que me interpretem e isso, sem dúvida, lentifica o ritmo do trabalho de vocês. É o que demonstra também algo de particular no laço que temos e eu tenho vontade de fazer parte disso. O que tem a ver com o que eu quero falar para vocês.

Vou retomar também um fato histórico para começar. É graças ao eco da experiência do passe no Colégio do Passe (o Colégio do Passe é o equivalente institucional da comissão de vocês sobre o passe. É a reunião de todas as pessoas que participaram da experiência, que acontece de seis em seis anos na França para elaborar tudo que aconteceu durante esses 6 anos de experiência). É graças a esse trabalho que nos demos conta de que o funcionamento da AMP não convinha à psicanálise. O que significa, de um lado, que a razão de nossa saída é psicanalítica fundamentalmente. Podemos explicar essa coisa de uma saída (mesmo que na verdade não tenhamos saído): nós não o fizemos porque teríamos sido maltratados . Mas, por outro lado, isso significa que somente percebemos a razão do disfuncionamento da AMP no momento em que ela foi elaborada teoricamente por alguns membros da Escola. Talvez não valha a pena formular essa razão. Comecei a escrevê-la antes de ler um e-mail de Antonio Quinet, que, aliás, eu li aqui no Brasil, o qual dizia as coisas nos mesmos termos em que eu as teria dito. Então, vou dizer com as minhas palavras: A Escola da AMP é, no final das contas, uma instituição como qualquer outra. Ela está na mão de um mestre que a organiza e lhe dita o que é a psicanálise e quem é psicanalista. E há um coro dos fiéis que canta a mesma profissão de fé: "o Outro não existe". Mas só para concluir cinicamente que havia a necessidade de que o mestre tomasse o lugar do Outro.

Pretendo repetir uma coisa que eu disse em São Paulo. Sem dúvida, é necessário que, nesse tipo de situação, haja mais psicanalistas do que analisantes para que esse funcionamento se instale. No entanto, o passe (cheguei à mesma conclusão que vocês) funcionou. Ele produziu e, em todo o caso, sustentou os psicanalistas que passaram ou não pelo dispositivo. Psicanalistas que deduzem de sua experiência psicanalítica que a psicanálise deve ser reinventada a cada vez e que essa invenção está subordinada a uma emancipação necessária do Outro do saber. Logo, se estamos nesse ponto é porque não podíamos, por razões de estrutura, renunciar à garantia que

Transcrição: Clícia Magalhães, revisada por Rosângela Corgosinho

esta descoberta nos confere e que é uma ausência de garantia. Não há outra. Então, nós não queríamos o selo do mestre, mesmo se ele devesse dizer: "você é psicanalista".

Segunda observação, um pouco geral: aproximo a essa impostura de um selo analítico, vendido pelo mestre (porque eu acho que ele não o dava, ele o vendia); eu a aproximo também de um comentário que ouvi na Escola da Causa Freudiana e que trata de um sintagma de Lacan: "A psicanálise deve ter primazia sobre o mercado". No entanto, há aí um equívoco, desde que o comentarista dessa frase a dizia como se ela fosse um convite a se propor a psicanálise como um produto suscetível de suplantar todos os outros em termos de comércio. " Ter primazia sobre" é uma expressão francesa que quer dizer, no fim das contas, sair ganhando. Assim, não somente a Escola é uma Associação como as outras, mas a Associação é uma empresa multinacional, que visa obter primazia sobre o mercado, derrotar os outros. Então, a frase: "A psicanálise deve ter primazia sobre o mercado", no sentido de a psicanálise ser mais importante do que a questão do mercado, pode ser lida como: a psicanálise deve ter primazia dentro do mercado e aí, nesse sentido, ela é multinacional. No fundo, parece-me que a posição de Lacan, quando ele diz essa frase, é que o mercado pára ali onde a psicanálise funciona. Ali onde a ciência e o mercado, com a cumplicidade da nova doutrina AMP, reduzem o sujeito a um indivíduo, completado por um mais de gozar psicanalítico, ao contrário, o discurso psicanalítico reintroduz a consideração da castração, sua verificação pelo passe ; é o que Lacan chama de saída do capitalismo.

Isso tudo parece abstrato e vou lhe dar um estofo a partir de um comentário sobre o fragmento de um passe. Eu fui um dos membros de um dos cartéis do passe da Escola Européia de Psicanálise. E esse fragmento permite relacionar logicamente o efeito de crise que o passe teve e a degradação do discurso analítico (a expressão francesa *ravalement*, além de degradação, também pode ser traduzida por devastação, depreciação - Vocês estão vendo como é complicado tratar da questão do particular, porque certamente é mais fácil a tradução simples de uma língua para uma outra). Não estou falando diretamente de um momento do passe, mas vou falar da forma como esse passante se explica depois. O passante explica que o desejo do analista surge quando cai a razão sintomática que o levou à análise. A queda das determinações patológicas do sintoma, que ele pensava ser aquilo que o determinava, essa queda o confronta, com efeito, ao lugar vazio da causa. Ele deve se fazer literalmente na causa, já que as determinações caíram. Então, sua fidelidade à Escola (tomo esse caso porque é muito raro que o passante ligue o seu passe à Escola) é fidelidade ao lugar onde ele fez a experiência do real. Ele o disse assim. Essa experiência se explicou com esse ponto que está para além das razões patológicas. Um dos efeitos de sua análise consiste, então, no alívio da falta que ele havia tomado sobre si. Até então, o laço social que ele possuía estava construído sobre seu fantasma. Ele dizia que a falta era uma companhia sobre a qual repousava a fraternidade edípica, que não é senão uma cumplicidade com a demanda do Outro. É bem freudiano: os irmãos pertencem à mesma comunidade, porque assumem a cumplicidade do assassinato do pai. A queda do Outro das determinações permite-lhe trocar um laço

social construído sobre a cumplicidade por um laço social que implica a solidão. Ele conclui que não há nenhuma razão para sustentar uma instituição a qualquer preço, porque esse preço é sempre o da cumplicidade, ou seja, de que ele seja membro de uma horda assassina. Então, a fidelidade à Escola, nesse sentido, implica a dissolução. Esse testemunho data de mais ou menos dois anos antes da crise e ele trouxe essa conclusão à sua análise e imediatamente a colocou em ato, sendo um dos primeiros a pedir sua demissão desde o início da crise da EEP.

O que ele disse, dentro ainda do seu testemunho, é que a falta não desapareceu, pois as pessoas não se curam do Complexo de Édipo, mas ele localiza com precisão o que ela se tornou. Para ele, ela se tornou responsabilidade, e é essa responsabilidade que lhe dá a certeza de não ter escolhido a submissão. É a responsabilidade que ele toma ao fazer o passe, ele não a tinha. É a responsabilidade do discurso analítico. Sua nova solidão. O fato de que ele não sustentará a Escola a qualquer preço, encontra a sua tradução numa fórmula: os limites do acordo. Não se faz Escola com qualquer um e mesmo aqueles com os quais construímos Escola, precisam contar com aquilo: que eu não vou ceder, pois ceder retornaria em denegar a minha relação com a psicanálise. Isso me permite ir ao ponto seguinte: esse limite do acordo não se discute com qualquer um a qualquer preço, o que me parece fabricado daquilo que extraio da minha própria experiência do passe. O tratamento pare aq*uilo* que há de mais particular do sujeito, do pedaço de gozo que ele é irredutivelmente. Esse pedaço de gozo que ele deve ao fato de portar, ao vivo, o significante no real. É isso a objeção ao saber. É preciso insistir, é uma objeção ao saber que é da própria psicanálise. Não somente da doutrina da AMP. Só que essa fórmula é insuficiente e esse passante permite retificá-la. Não basta ser uma objeção, convém ainda que o sujeito encontre um lugar para alojar esse particular na sua relação com o Outro. É preciso que essa objeção sirva. Temos, então, de nos perguntarmos se essa tal teoria, de que o Outro não existe, não seria uma teoria que coloca como impossível alojar o que se é como objeção.

Lacan nos ensinou a nomear como sintoma, justamente aquilo que faz suplência à relação que não existe entre o ser de gozo e o significante. O sintoma é também aquilo que inscreve um sujeito na relação com os outros. E bem, o passe implica essa criação de laço social como dimensão constitutiva da experiência. Antes de mais nada, é isso que se lê no matema do discurso analítico. É uma observação que tomo emprestada de Pierre Bruno, a qual ele fez quando eu lhe estava falando desse fragmento de explicação do passe desse passante. O discurso analítico é o único discurso que considera o Outro como sujeito. Então, primeiramente concluo com essa observação: o desejo do analista consiste em fazer servir o sintoma com o qual se identifica ao final do tratamento, para fazer de conta de objeção para o analisante que vem vê-lo e que não sabe ainda quem ele é.

Para retomar uma parte da discussão que tive com Antonio Quinet, o analista não é o sintoma do analisante, mas nesse sentido, o psicanalista é um sintoma que vai dar o testemunho da reinvenção em ato do laço social como tratamento, enfim, de duas alteridades: a sua e a de seu analisante. É um sintoma contra toda tentação de

homogeneização, por um Outro, dessas alteridades. Também é o sintoma da impossibilidade de reabsorver a particularidade de cada um num saber comum.

Segunda conclusão: o passe é o lugar onde se constitui a Escola. E eu lhes dou uma definição de Escola que tomo emprestada de Lacan: "A Escola é a estrutura adequada ao que comanda a estrutura do discurso analítico". Na minha opinião, isso é suficiente para não confundir a Escola com a Associação. A Escola é o lugar onde se verifica que o laço social é a contrapartida política do desejo do analista. Ela é o lugar da elaboração teórica dessa necessidade. Essa verificação e essa elaboração constroem a Escola, demonstrando o que permite a coabitação do particular e do social. E o que o permite é o psicanalista como sintoma.

Última conclusão: acredito que é por essa razão que o passe revelou que a estrutura de Escola, que decorre de sua experiência, não correspondia à organização e ao funcionamento da AMP ditados pelo Outro, e foi o passe que fez explodir essa organização e esse funcionamento para nós. Por isso, não devemos nos intimidar frente à Escola e ao passe. É urgente que nos dotemos de uma Escola do passe, pois é ela que vai barrar nossos próprios erros. Conhecemos os erros que fizemos, mas não sabemos os que faremos. Logo, a Associação nos prepara para a Escola, como escreveu Antonio Quinet. Ela nos prepara para a Escola, mas não prepara a Escola, pois a Escola, de um certo ponto de vista, é constitutiva da experiência do passe. Mas a Escola trata a Associação, suplementando-a, tirando-a do Campo Freudiano, inscrevendo-a no Campo Lacaniano. No entanto, não basta fazer uma Associação do Campo Lacaniano para estar no Campo Lacaniano. Não é um significante que é o Campo Lacaniano: é a experiência do tratamento do gozo que anima este significante.

E, um pouco fora do tempo, acrescento que não podemos fazer uma Escola sozinhos. Há uma questão de tempo lógico. Faço uma alusão ao sofisma dos três prisioneiros. A solução da questão da Escola em Paris depende da solução da Escola no Brasil, e, certamente, em outros lugares.